

## As práticas leitoras de universitários de Letras e de Pedagogia: investigando os espaços e os modos de ler

Deisi Luzia Zanatta

### Resumo


Este artigo visa descrever e analisar os espaços públicos de leitura e os modos de ler dos estudantes universitários, ingressantes nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia de universidades brasileiras. Trata-se de um estudo qualitativo e quantitativo, resultado de uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Passo Fundo (UPF), entre os anos de 2015 e 2019, que, por sua vez, é um desdobramento de um Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional – Procad, cujas instituições integrantes foram: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de Passo Fundo (UPF). Os dados obtidos mostraram que a leitura é praticada nos mais diversos espaços públicos e a representação do leitor, executando práticas leitoras legitimadas pelo Antigo Regime, ainda permanece na sociedade. Os modos de ler que permitem certas liberdades com os textos em ambientes públicos também são executados pelos acadêmicos de Letras e de Pedagogia, mas em menor proporção do que os realizados em posições clássicas. Os resultados, então, sugerem que os professores universitários dos cursos superiores de Letras e de Pedagogia das instituições integrantes do Procad, bem como das demais universidades que se interessarem pelo assunto, conheçam as práticas leitoras dos sujeitos respondentes da pesquisa e repensem as ações metodológicas que envolvem as atividades de leitura.

**Palavras-chave:** Formação inicial de professores. Práticas leitoras de universitários de Letras e de Pedagogia. Espaços e modos de ler.

**Deisi Luzia Zanatta**

Católica de Santa Catarina - Centro  
Universitário

E-mail: deisil.zanatta@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-7356-1499>

Recebido em: 18/09/2019

Aprovado em: 20/04/2021



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e67643>

**Abstract**

**Keywords:** Initial teacher training; Reading practices of university students in degrees of Language Studies and Pedagogy; Spaces and ways of reading.

**Reading practices of university students of Language Studies and Pedagogy: investigating spaces and ways of reading**

This article aims to describe and analyze the public spaces of reading and the ways of reading of university students beginning in the undergraduate degrees of Language Studies and Pedagogy of Brazilian universities. This is a qualitative and quantitative study, the result of research developed at the University of Passo Fundo, from 2015 to 2019, which, on the other hand, is a development of an Interinstitutional Academic Cooperation Project - Procad whose member universities were: Sao Paulo State University - UNESP, Assis, Marília and Presidente Prudente campus, Federal University of Espírito Santo (UFES) and University of Passo Fundo (UPF). The data obtained showed that reading is practiced in the most diverse public spaces and the representation of the reader performing executing reading practices, legitimated by the Old Regime, still remains in the society. The ways of reading that allow certain freedom regarding texts in public places are also performed by scholars of Language Studies and Pedagogy, but to a smaller proportion than classical positions. The results, therefore, suggest the university professors' higher courses of Language Studies and Pedagogy of this project, as well as the other universities interested in the subject, know the reading practices of the respondents of the research and suggest that the professors of these undergraduate students rethink the methodological actions that involve reading activities.

**Resumen**

**Palabras clave:** Formación inicial del profesorado; Prácticas de lectura de estudiantes universitarios de Letras y Pedagogía; Espacios y maneras de leer.

**Las prácticas de lectura de estudiantes universitarios de las Letras y de Pedagogía: investigando los espacios y las formas de leer**

Este artículo tiene como objetivo describir y analizar los espacios públicos de lectura y las formas de leer de los estudiantes universitarios que empiezan en cursos de licenciatura en el área de las Letras y de Pedagogía de universidades brasileñas. Este es un estudio cualitativo y cuantitativo, que resulta de una investigación, desarrollada en la Universidad de Passo Fundo, desde 2015 hasta 2019, que, a su vez, es una rama de un Procad – Proyecto de Cooperación Académica Interinstitucional cuyas instituciones miembros fueron: Universidad Estatal “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, Marília y Presidente Prudente, Universidad Federal de Espírito Santo (UFES) y Universidad de Passo Fundo (UPF). Los datos obtenidos comprueban que la lectura se practica en los espacios públicos más diversos y la representación de los sujetos de investigación que realizan prácticas de lectura legitimadas por el Antiguo Régimen aún permanecen. Las maneras de leer que permiten ciertas libertades con textos en entornos públicos también son realizadas por estudiantes de Letras y Pedagogía, pero en menor medida que los que se encuentran en posiciones clásicas. Los resultados, entonces, sugieren que los profesores universitarios de los cursos de letras y pedagogía de educación superior de las instituciones del Proyecto Procad, así como las otras universidades interesadas en el tema, conozcan las prácticas de lectura de los encuestados y reconsideren las acciones metodológicas que involucren actividades de lectura.

## Introdução

A descrição e análise dos espaços e modos de ler dos acadêmicos ingressantes em cursos de Letras e de Pedagogia de universidades brasileiras, com base em abordagens teóricas que viabilizam o estudo sobre a formação do professor e a leitura, se apresentam como uma maneira de enfatizar a relevância do ato de ler no percurso inicial da trajetória acadêmica do futuro docente.

De acordo com Marlene Carvalho, são necessárias mudanças na formação de todos os professores que atuarão na educação básica, especialmente no que diz respeito ao domínio mais abrangente da língua escrita, seja na produção, seja na recepção de textos complexos, visto que “a questão dos usos da língua não compete apenas aos que vão ensinar português”. (2002, p. 8).

Entendemos que o acesso ao saber se dá por diversos meios e um deles ocorre através da leitura. Tal processo criado e disseminado pelo homem através do tempo pode direcionar a conhecimentos mais profundos e complexos da sociedade em que nos inserimos, bem como da cultura e da história e, com isso, possibilitar uma expansão no entendimento, na (inter) relação e atuação do sujeito no mundo.

Logo, o ato de ler pode fazer com que as pessoas percebam mais profundamente os aspectos culturais, históricos e políticos que acontecem na sociedade. Assim, o argumento central para a realização deste trabalho concentra-se na necessidade de aprofundarmos o nosso conhecimento sobre a leitura na formação inicial de professores, especificamente, nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia, uma vez que os universitários egressos desses cursos superiores poderão exercer uma função importante como docentes na Educação Básica: a de formar leitores.

Ao retomarmos os resultados do último PISA (2015), notamos que a avaliação dos brasileiros no que se refere à leitura é muito preocupante e nos fornece elementos para profundas reflexões. As conclusões evidenciadas mostraram que os estudantes do nosso país são capazes apenas de localizar fragmentos de informações explícitas, de reconhecer o assunto principal de um texto sobre temas conhecidos ou realizar correlações simples entre as informações do texto e seu conhecimento cotidiano.

Um dado preocupante revelado pelo PISA é que, no estudo dos pontos fortes e fracos dos estudantes brasileiros em leitura, há indícios de que eles tiveram dificuldade em integrar ideias e fragmentos de informação para fazer comparações, estabelecer relações de causa e efeito, processar informações implícitas e fazer suposições a partir dos fatos apresentados em textos narrativos ou expositivos.

Os resultados do PISA são alarmantes, mas, ao mesmo tempo, sinalizadores de que algo precisa ser feito para melhorar o nível de leitura dos brasileiros. Observando tais questões, trazemos como tema deste artigo a questão da formação inicial do professor e a leitura, especificamente dos ingressantes em licenciaturas de Letras e Pedagogia de universidades brasileiras. Logo, tal estudo se caracteriza como qualitativo e quantitativo resultado de uma pesquisa, desenvolvida na Universidade de Passo Fundo (UPF).

Esse estudo foi originado a partir do Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional – Procad do qual foram integrantes as seguintes instituições de ensino superior: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (UNESP), dos campi de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de Passo Fundo (UPF).

Neste sentido, a pesquisa se realizou a partir da extração de informações de um banco de dados já existentes, originado por meio de um questionário impresso, com 85 questões, aplicado aos 455 acadêmicos, maiores de 18 anos, que ingressaram em cursos presenciais de Letras e de Pedagogia das universidades integrantes do Procad, no início das atividades acadêmicas de 2015. Diante disso, nosso objetivo visa a descrever e analisar os espaços públicos de leitura e os modos de ler dos estudantes universitários iniciantes nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia dessas universidades. Escolhemos, para este artigo, as questões 53 e 55 referentes aos espaços públicos em que alegaram praticar a leitura e as disposições físicas de ler nesses lugares, devido à relevância de tais resultados para compreendermos a relação dos respondentes da pesquisa, futuros professores com o livro, ambientes e maneiras de ler.

Para auxiliar-nos na abordagem proposta neste texto, buscamos embasamento dos pressupostos teóricos de Marlene de Carvalho (2002), Bernardete Gatti (1997), Henry Giroux (1997), Philippe Perrenoud (2000), Daniela Segabinazi (2015) e Ezequiel Theodoro da Silva (2009) acerca da formação inicial de professores em relação à relevância da leitura nesse processo. Sobre os espaços e modos de ler, nos valem das teorias de Márcia Abreu (2001, 2002), Roger Chartier (1991, 1998, 2001), Robert Darnton (1992, 2010), Jean Marie Goulemot (2001), Chantal Horellou-Lafarge e Monique Segré (2010), Jorge Larossa (2003), Rubén Pérez-Buendía (2016), Michèle Petit (2013), Armando Petrucci (1999) e Martine Poulain (1989). Estudamos os resultados em cotejo com os pressupostos teóricos por entendermos que, desta forma, a análise se torna mais dinâmica e enriquecedora.

Para desenvolvermos a discussão aqui proposta, organizamos o presente trabalho da seguinte forma: algumas considerações sobre a formação inicial de professores e a leitura; depois, a metodologia da pesquisa; na sequência a análise dos resultados das questões selecionadas que contemplaram os espaços públicos de leitura e, após, as maneiras de ler. Estudamos os resultados em cotejo com os pressupostos teóricos por entendermos que, desta forma, a análise se torna mais dinâmica e enriquecedora. Por fim, apresentamos as considerações finais e algumas implicações para as licenciaturas de Letras e de Pedagogia, com base nos dados apresentados.

### **A formação inicial de professores e a leitura: algumas considerações**

O professor enquanto profissional formador de pessoas deve estar ciente das especificidades de seu exercício, o que nos faz perceber que a universidade tem a sua frente um sério compromisso, pois exige repensar as práticas metodológicas desenvolvidas ao longo da formação daquele que obterá um diploma,

especialmente na área de Letras, para lecionar no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e na de Pedagogia para atuar nas Séries Iniciais. No nosso entendimento, uma formação de qualidade nestas etapas educacionais pode garantir o sucesso profissional do estudante, mas também com senso crítico.

Assim, trazemos para o centro da discussão a questão da profissionalização do professor que, a partir do surgimento da Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, passou a ser um dos principais assuntos de pesquisas e debates, principalmente no espaço acadêmico. Conforme tal documento, especialmente o artigo 43, a educação superior possui por objetivo:

- I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.
- VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. (BRASIL, 2016).

Daí por diante, muitas reflexões têm sido feitas acerca da importância do papel do professor: profissional responsável pela formação de sujeitos, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Se até a implantação da LDBEN/96, o docente era visto como um ser que somente transmitia conhecimentos básicos, formava pessoas para atender aos objetivos da demanda industrial e comercial capitalista, atualmente, ele é visto como um mediador de trocas de saberes e experiências, bem como formador de senso crítico. Sob essa perspectiva, “a verdade é que esta lei foi a primeira a apresentar-se sob aspectos mais globalizantes, intervindo e constituindo de fato relações mais abrangentes entre as instâncias do ensino e a valorização do magistério”. (SEGABINAZI, 2015, p. 63).

Se atentarmos para o Art. 63 da LDBEN/96, percebemos que é dever manter:

- I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;
- II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação

superior que queiram se dedicar à educação básica; III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

A contingência de tal formação não abarca somente questões teóricas, mas, principalmente metodológicas, uma vez que o modo como se desenvolve o exercício da prática docente permite uma maior habilidade na articulação de suas ações, executando, assim, um trabalho revolucionário. Logo,

restringindo-se a formulações sintéticas, provavelmente todos concordarão que o ofício de professor consiste também, por exemplo, em “administrar a progressão de aprendizagens”, ou em “envolver os alunos em suas aprendizagens e seu trabalho. (PERRENOUD, 2000, p. 13, grifos do autor).

Com o avanço desenfreado da era da comunicação, a prática de leitura e a capacidade de decodificar e compreender informações requer habilidades do receptor. Estas novas modalidades nos reportam para a educação, espaço de formação de sujeitos e, por isso, o “aprimoramento e transformação dependem inteiramente de quem faz educação nas salas de aula” (GATTI, 1992, p. 9).

Diante disso, a reavaliação da prática docente necessita passar pela tese de que os professores são intelectuais transformadores. Nas palavras de Giroux (1997, p. 29), “intelectuais deste tipo não estão meramente preocupados com a promoção de realizações individuais ou progresso dos alunos nas carreiras, mas, sim, com a autorização dos alunos para que possam interpretar o mundo criticamente e mudá-lo quando necessário”. Se o professor enquanto especialista da área da educação possui o compromisso com o saber e com a formação do ser humano, entendemos que

O fortalecimento da docência como profissão envolve, irrefutavelmente, a vivência e a incorporação de porções contínuas de leitura. O magistério, em termos de trabalho e de atualização, está calcado em experiências de leitura. Por dever de ofício e por expectativa social, o professor tem na leitura, além de instrumento e de prática, uma forma de atuar ou agir, seja porque ele (o professor) simboliza leituras já realizadas e assimiladas, seja porque faz a mediação e informa leituras relacionadas à matéria que ensina, seja porque o conhecimento, para ser organizado e dinamizado, exige competências multifacetadas de leitura. (SILVA, 2009, p. 26).

Percebemos, então, que a leitura é o fio condutor da docência, porque as questões que se relacionam com as esferas do conhecimento passam por esta atividade. Se através da leitura há a possibilidade de transformação, o professor enquanto leitor tende a transformar as expectativas de seus alunos.

Com isso, o termo “leitura” designa, no contexto deste trabalho, práticas de compreensão de textos expostos em diferentes suportes e gêneros textuais que circulam na sociedade, lidos por sujeitos diversos e inseridos em determinadas situações de produção, divulgação e distribuição, circunscritas a um determinado tempo e espaço.

A leitura é uma atividade complexa e múltipla, que proporciona o encontro ou comunicação entre o leitor e o mundo. Assim, o seu objetivo não é a memorização, mas sim, reflexão e compreensão crítica,

única maneira de o leitor construir seu próprio texto e redimensionar a visão que tem das coisas que acontecem em seu entorno.

Diante disso, notamos que a leitura tem a função de informar, mas também de formar, pois ao se tornar um hábito tende a aguçar o olhar crítico do leitor. Tal transformação no receptor corrobora a ideia de Jorge Larossa de que pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor, não com aquilo que ele sabe, mas com o que ele é. Assim, “trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos coloca a questão do que somos”<sup>1</sup> (2003, p. 25-26).

De acordo com Michèle Petit (2008), ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. A antropóloga também ressalta que é pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo; ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Logo, é indiscutível a importância da leitura na formação inicial do futuro professor de Letras e de Pedagogia, especialmente porque

[...] os licenciandos [e os pós-graduandos] de hoje, às voltas com suas próprias dificuldades, terão em breve a responsabilidade de fazer com que crianças e jovens usem a leitura e a escrita dentro e fora da escola para fins sociais de comunicação, expressão pessoal, busca e registro de informações e ainda para a fruição da literatura como experiência estética. (CARVALHO, 2002, p. 8).

Diante disso, a universidade, enquanto espaço formador de profissionais, coloca em foco que é necessário repensar e reconstruir a formação docente, uma vez que no ensino superior se amplia a finalidade cultural. Nos cursos superiores, é onde se desenvolve e aprimora o conhecimento. Em suma, o contexto em que se inserem as licenciaturas exige uma mudança, uma construção do professor com um novo olhar voltado para a renovação das ideias, pois estes “não são produzidos como tijolos, nem montados como casas” (GATTI, 1997, p. 99).

Entendemos que o processo de formação inicial do professor que atuará na Educação Básica deve ser de base consistente e reflexiva, a fim de que enquanto profissional capacitado seja capaz de inovar, negociar e regular suas metodologias que se inserem numa sociedade em constante mudança. Desse modo,

---

<sup>1</sup> “Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma o nos transforma), como algo que nos constituye o nos pone en cuestión en aquello que somos”. Trad. nossa.



o preparo do professor como profissional transformador “passa por uma reflexão sobre a experiência, favorecendo a construção de novos saberes”. (PERRENOUD, 2000, p. 15).

Nesse contexto, a leitura na trajetória acadêmica do futuro professor é de suma relevância, pois tal prática é fator determinante e inerente à identidade do professor, que será um agente de leitura na educação básica. O ato de ler é uma prática que se faz fundamental na contemporaneidade, uma vez que a ela está enraizada a aquisição de conhecimentos e, conseqüentemente, a construção do pensamento reflexivo e crítico sobre as situações que acontecem ao nosso redor.

Nesse sentido, a leitura ao se tornar um hábito desde o início da vida escolar possibilita ao estudante ampliar seus conhecimentos que, no momento de ingressar em um curso superior, já terá um vasto conhecimento e a capacidade de fazer relações e associações do que lê com o mundo que o cerca cada vez mais complexas.

### **A metodologia da pesquisa**

De acordo com o ponto de vista etimológico, o termo *ciência* se origina do verbo latim *Sciere* e significa aprender, conhecer. A partir de tal conceito, ao pensarmos sobre ciência social, compreendemos que esta se relaciona com as práticas desenvolvidas pelo ser humano, o que resulta numa constante transformação da realidade.

Logo, a área do conhecimento que compreende as Ciências Humanas se apoia, na maioria dos casos, em pesquisas qualitativas e, também, muitas vezes, quantitativas, que se preocupam em estudar a particularidade de um determinado acontecimento, com o objetivo de analisá-lo profundamente.

Nossa preocupação se voltou aos sujeitos em processo de formação inicial, uma vez que o contato e incentivo à leitura durante a trajetória universitária será primordial não só para o sucesso no âmbito do saber, mas também na área profissional onde atuarão: a escola. Como a análise da pesquisa se desenvolveu com base num questionário com 85 questões abertas e fechadas, utilizamos os métodos qualitativo e quantitativo para descrever e analisar os espaços e os modos de ler dos sujeitos analisados, ingressantes em cursos presenciais de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Vale enfatizar que tal trabalho englobou instituições distintas e alicerçadas em contextos diferentes. Contudo, tivemos acesso à soma dos dados de todas as universidades integrantes do projeto Procad, o que nos permitiu termos uma visão geral dos resultados do questionário aplicado aos ingressantes de Letras e de Pedagogia. Como não obtivemos as informações nas quais constavam os resultados separados por instituição, não foi possível analisarmos os diferentes contextos e compararmos os produtos. Ressaltamos



que tal estudo diz respeito somente aos ingressantes da graduação desses cursos, porque o questionário não foi aplicado aos estudantes concluintes das instituições do Procad.

Após a tabulação dos dados, realizamos a análise dos resultados obtidos a partir do questionário aplicado aos estudantes ingressantes de Letras e de Pedagogia obedecendo às seguintes etapas: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados para descrição e análise.

Na pré-análise, selecionamos os dados a serem utilizados no estudo e realizamos uma leitura atenta dos resultados. Feito isso, passamos para a fase de exploração dos resultados. Nessa etapa, nos dedicamos à organização do material, elaborando os gráficos dos dados escolhidos e estudando esses elementos à luz do aporte teórico que aborda a questão da leitura, especificamente sobre os espaços e modos de ler para serem utilizados na análise.

Por fim, nos voltamos para o tratamento dos dados. Apresentamos esses resultados através de gráficos, mensurando as informações obtidas e realizando a descrição e análise das informações recolhidas sobre os espaços e modos de ler mencionados pelos sujeitos respondentes da pesquisa do Procad.

No intuito de interpretarmos os dados a partir do questionário aplicado aos ingressantes de Letras e de Pedagogia das IES integrantes de tal projeto, buscamos na teoria proposta por Carlo Ginzburg (1989) sobre o paradigma indiciário, maneiras para compreender como algumas pistas que nos são dadas podem servir para analisarmos os resultados obtidos. De acordo com o historiador italiano, por volta do final do século XIX, surgiu silenciosamente na área das ciências humanas um modelo epistemológico ou paradigmático, sobre o qual, até o presente momento, não foi dada uma atenção merecida. A análise desse paradigma tende a contribuir “a sair dos incômodos da contraposição entre “racionalismo” e “irracionalismo””. (1989, p. 143).

Conforme Ginzburg (1989), entre 1974 e 1976 surgiu na *Zeitschrift für bildende* uma série de artigos sobre pintura italiana assinada pelo estudioso russo, Ivan Lermolieff e traduzida para o alemão por Johannes Swarze. Os artigos propunham um novo método para a atribuição dos quadros antigos, o que resultou entre os historiadores da arte reações contrastantes e vivas discussões. Descobriu-se, posteriormente, que o responsável por essa proposta tinha sido o historiador de arte Giovanni Morelli, motivo pelo qual passou a ser conhecido como método indiciário de Morelli, aquele que sinaliza o modo de identificar uma obra original da cópia.

Morelli ressalta que isso não é possível apenas ao observar as características mais vistosas, mais imitáveis dos quadros. Diante de tal assertiva, o apreciador da arte precisa seguir pistas, indícios para diferenciar uma obra original da cópia. Ginzburg (1989) menciona o método indiciário postulado por Castelnovo, o qual enfatiza que as pistas deixadas nos quadros atraem o artista como um criminoso é atraído por suas impressões digitais. Com isso, Ginzburg comenta que “o conhecedor da arte é comparável

ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria". (1989, p. 145).

Ginzburg (1989) enfatiza que as raízes do paradigma indiciário remontam às origens da humanidade quando, por motivos de sobrevivência, o homem desenvolveu algumas habilidades baseadas em pistas. A transmissão do conhecimento acontece porque o homem possui a capacidade de criar e interpretar formas de linguagem. Essa linguagem pode ser falada, escrita ou através de gestos, expressões artísticas, pistas ou indícios deixados no caminho. Em sua trajetória ao longo do tempo, o homem aprendeu a observar, farejar, registrar, interpretar, fazer uma "leitura" dessas pistas mudas para reconstruir, através de indícios, o aspecto de um animal nunca visto antes. Através disso, homem primitivo teria sido o primeiro a narrar uma história. Estas formas de perceber o mundo, observar, fazer operações mentais complexas, decifrar, investigar e ler as pistas deixadas pelos animais são metáforas usadas para a "condensação verbal de um processo histórico que levou, num espaço de tempo talvez longuíssimo, à invenção da escrita". (GINZBURG, 1989, p. 152).

Tendo em vista que o objeto desta pesquisa são os resultados obtidos com base no questionário aplicado a sujeitos de diferentes formações e histórias pessoais/profissionais, inseridos em contextos múltiplos de investigação, parece-nos evidente a necessidade de que a pesquisa nos mobilize e faça sentido para o contexto sócio, histórico e cultural em que nos encontramos.

Logo, um aspecto privilegiado nesta análise se baseou nos pressupostos de Carlo Ginzburg (1989) sobre o paradigma indiciário, isto é, a partir das pistas e indícios deixados pelos resultados obtidos através do questionário aplicado aos ingressantes de Letras e de Pedagogia, realizamos nossas interpretações sobre os espaços e modos de ler mencionados por esses sujeitos bem como alinhavamos nossas inferências com a Teoria da História Cultural e dos Espaços e modos de leitura.

### **Os espaços públicos de leitura: o que nos dizem os universitários de Letras e de Pedagogia**

A relação do ser humano com o ambiente acontece desde os primórdios dos tempos. Do espaço privado ao público, esse último se torna, quem sabe, o de maior interação com as pessoas com as quais nos relacionamos: colegas de trabalho, colegas de escola, universidade etc. Em tais lugares, realizamos muitas atividades, dentre elas, a leitura.

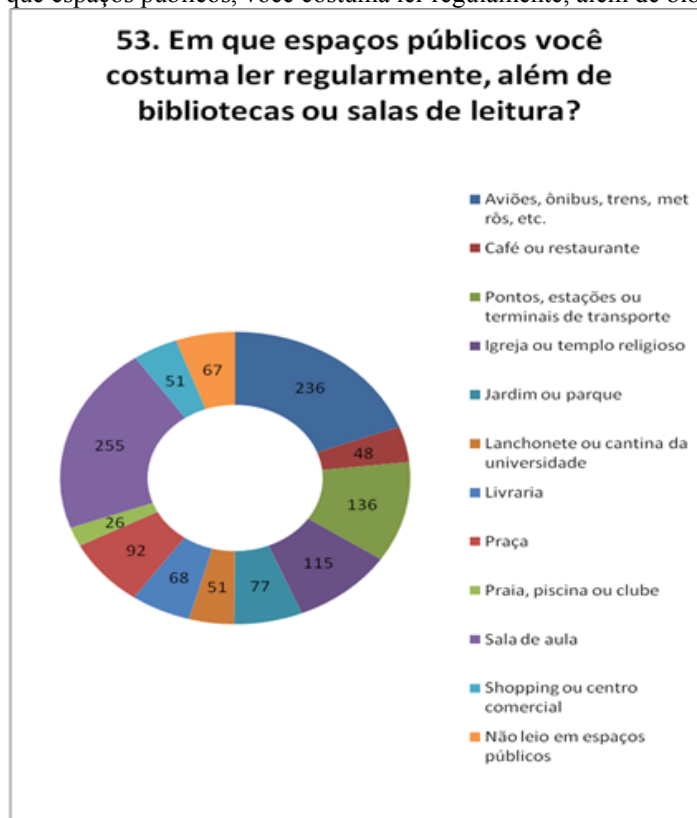
Nesse sentido, os espaços públicos de leitura se tornam objetos de investigação neste trabalho, pois são neles também que os acadêmicos de Letras e de Pedagogia, futuros professores, alegaram praticar tal ato. Assim, "o onde da leitura é mais importante do que se poderia pensar, pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência". (DARNTON, 1992, p. 213).

O ato de ler, então, possibilita ao leitor ampliar o seu repertório de conhecimento de mundo, mas também de si mesmo. A leitura realizada em qualquer lugar se torna um campo multifacetado que viabiliza

também a aquisição e construção do conhecimento e, por esse motivo, se faz imprescindível na formação inicial do futuro docente.

Diante disso, um resultado do questionário aplicado aos estudantes ingressantes nos cursos de Letras e de Pedagogia, ou seja, a questão 53<sup>2</sup> nos apresentou o seguinte:

Quadro 1 – Em que espaços públicos, você costuma ler regularmente, além de bibliotecas e salas de leitura?



Fonte: Procad/2016

Notamos através do resultado que 236 sujeitos alegaram ler em aviões, ônibus, trens, metrô etc.; 48 em cafés ou restaurantes; 136 em pontos, estações ou terminais de transportes, 115 na Igreja ou templo religioso; 67 em lanchonetes ou cantinas da universidade; 77 em livrarias; 68 em jardim ou parque; 92 em praça; 26 em praia, piscina ou clube; 255 na sala de aula; 51 em shopping ou centro comercial e 67 acadêmicos afirmaram não ler em espaços públicos.

Com base nos resultados obtidos podemos inferir que as leituras praticadas pelos acadêmicos entrevistados nos espaços públicos mencionados ocorrem por eles terem acesso a tais ambientes, como também por se sentirem confortáveis a praticar a leitura nesses lugares. Vale ressaltar que os sujeitos respondentes pertencem às regiões de Assis, de Marília e de Presidente Prudente no estado de São Paulo, Vitória, no Espírito Santo e Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Em pelo menos três dessas cidades há

<sup>2</sup>Os licenciandos participantes da pesquisa tinham a opção de assinalar mais de uma resposta, por isso o número dessas pode se apresentar superior ao total de sujeitos respondentes. Tal questão está inserida nos seguintes blocos temáticos: Espaços e modos de ler, O papel das instituições e dos mediadores e Gêneros textuais.

aeroportos, em uma, trens e metrô e em todas, pontos de ônibus urbano e terminais rodoviários. Logo, muitos dos acadêmicos respondentes utilizam de tais meios de transporte. Certamente, os tipos de leitura são os mais variados possíveis: romances, poesias, revistas, jornais, autoajuda, instrumental etc.

Ao responderem a que distância residiam da universidade<sup>3</sup>, 99 sujeitos alegaram morar no campus ou até 5 km de distância; 120 alunos afirmaram morar a uma distância de entre 5 a 20 km do local onde estudam e 116 viviam a uma distância de entre 21 a 50 km do campus da universidade. Já 64 acadêmicos alegaram residir a uma longitude de 51 a 100 km, enquanto que 50 respondentes a uma distância de mais de 100 km.

Conforme Horellou-Lafarge e Segré:

O tempo de transporte de curta ou longa duração é amiúde um tempo dedicado à leitura. Trata-se de uma leitura solitária que é vista em público mas exige uma atitude de autodistanciamento dos outros, de distância para outrem, de isolamento interior, apesar da proximidade ou mesmo promiscuidade dos outros viajantes. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 137).

Desse modo, quem sabe o meio de transporte que boa parte desses estudantes se vale para percorrer o caminho até a universidade propicie praticar a leitura. Os estudantes que a realizam em cafés ou restaurantes provavelmente se circunscrevem a cardápios e carta de vinhos, isto é, uma leitura de ordem informativa; nos cafés também é possível realizar uma leitura literária; nos shoppings ou em centros comerciais, provavelmente uma leitura voltada para propagandas, rótulo de produtos, preços de mercadorias etc.

Enquanto os acadêmicos que leem na cantina ou lanchonete da universidade, certamente, realizam leituras relacionadas à formação acadêmica: livros teóricos, artigos científicos etc. As leituras praticadas em livrarias, parques, praças, praias, piscinas e clubes, possivelmente pode ser um material informativo ou de entretenimento, que permitem movimentos e posições mais livres para ler. Podemos inferir que tais leituras podem se referir a textos ficcionais, panfletos, jornais, revistas etc.

Chama a atenção que 255 sujeitos mencionaram ler na sala de aula, o que nos faz acreditar que podem ser leituras voltadas para a fruição e formação do pensamento crítico, ou somente relacionadas às disciplinas que estejam cursando. Isto nos leva a entender que, possivelmente, tal ambiente seja o único acesso ao texto.

Outro dado relevante se refere aos 115 respondentes que alegaram ler na Igreja ou em templo religioso, o que nos leva a interpretar que este tipo de leitura ainda permanece muito vivo em meios aos leitores contemporâneos. Nesses espaços, a leitura pode se circunscrever a folhetos da missa/culto e leituras bíblicas. De acordo com Larossa (2003), experiências de leitura só acontecem quando se aliam ao texto, à

---

<sup>3</sup> Tal questão integrou o rol de questionamentos do Perfil pessoal dos entrevistados. Realizamos esse cotejo, por acreditarmos na sua relação com algumas respostas obtidas na questão 53.

sensibilidade adequada, uma vez que determinada atividade de leitura pode ser experiência para alguns leitores e para outros, não. Além da possibilidade de a experiência não ser a mesma para todos aqueles que a fazem. Então, é válido mencionar que todas as leituras que realizamos são significativas e passíveis de vivências.

Darnton (1992) ressalta que na maior parte da história ocidental, especialmente, nos séculos dezesseis e dezessete, a leitura foi encarada como exercício espiritual. Percebemos que a leitura religiosa ainda perdura entre os leitores contemporâneos. Então, os estudantes que possuem tal preferência, quem sabe, buscam através desses textos compreender determinadas situações por eles vivenciadas como o nascimento, a morte, frustrações, depressão, perda de bens materiais, alegrias, tristezas, etc.

Embora a maioria dos respondentes alegou ler em algum espaço público, 67 (1,1%) acadêmicos afirmaram não praticar a leitura nesses ambientes e 79,2% não responderam à questão. Esses resultados são preocupantes e nos permitem entender que, talvez, seja por tais sujeitos não gostarem, por não terem oportunidade, tempo ou por não considerarem que a leitura pode ser praticada em tais ambientes.

Diante disso, notamos que a leitura “acomoda-se em todos os espaços, em todas as posições ou todas as situações”, sendo que “lê-se de pé no metrô, sentado numa calçada, apoiado numa parede, às vezes caminhando”. (POULAIN, 1989, p. 85).

Ao retomarmos os estudos de Darnton (1992), percebemos que, no início da Europa Moderna, a leitura era uma atividade social. Geralmente, ocorria em lugares públicos como ambientes de trabalho, nos celeiros e nas tavernas e, na maioria das vezes, de maneira oral, mas não doutrinadora. Mas a instituição de leitura popular, no Antigo Regime, acontecia a partir de um encontro ao redor do fogo. Enquanto as mulheres costuravam, as crianças brincavam e os homens consertavam ferramentas, um do grupo que podia decifrar um texto, o fazia. Na maioria das vezes, o livro escolhido era do repertório padronizado dos livros populares.

Diante disso, Darnton (1992) enfatiza que a leitura possui uma história remetente a um leitor que não é um ser abstrato, uma vez que cada um lê de formas diferentes e em lugares diversos, desiguais. Assim, ler um romance, um conto não é o mesmo que ler um livro teórico, ou um artigo científico. O leitor, com isso, se torna um sujeito em contato com os mais diversos tipos de textos e pode ser considerado um leitor da realidade. A leitura passa a ser essencial para o conhecimento de mundo do receptor e, com isso, considerada como uma produção da sociedade e da cultura. Logo, “[...] a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado, que deve variar de cultura para cultura”. (DARNTON, 1992, p. 218). Assim, a leitura realizada em qualquer espaço permite ao receptor obter experiências sejam elas mais íntimas, pessoais, práticas ou cotidianas. As leituras praticadas nos espaços públicos mencionados possibilitam ao leitor desenvolver certas vivências. Em suma, “o ato de ler é uma

experiência de significação de si mesmo e de intercâmbio de significações sobre o mundo com o escritor e a comunidade de leitores dialogantes a qual o leitor pertence”. (PÉREZ-BUENDIA, 2016, p. 13).

De acordo com Jean Marie Goulemot (2001), existe na leitura de divertimento, bem como em toda leitura uma posição ou atitude do corpo: sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé etc., ou seja, uma disposição pessoal de cada um para a leitura. O estudioso menciona isso como um rito, pois somos um corpo leitor que cansa, fica sonolento, que boceja, experimenta dores, formigamentos havendo, assim, uma instituição do corpo que lê.

Os registros iconográficos que datam fins do século XVIII e o decorrer do século XIX evidenciam que as disposições físicas utilizadas nas práticas de leitura em tal época nos são familiares nos dias de hoje. Conforme Márcia Abreu (2001), nesse período os livros são parte importante na composição de retratos, indicando, principalmente, o poder social e a posição intelectual dos retratados que, em geral, são homens. Inúmeras são as obras em que senhores bem-vestidos posam diante de uma biblioteca ou estante. Esses retratos indicam também o interesse intelectual, sendo que alguns são vistos lendo jornais, em suas casas ou em espaços públicos. Nesse sentido, podemos entender que a leitura realizada no conforto da poltrona, na cadeira, à mesa evidencia uma postura elitizada, enobrecida.

Assim, percebemos que ainda há uma herança cultural do Antigo Regime no que se refere às maneiras de ler em determinados espaços públicos, isto é, muitos gestos, posturas e lugares continuam sendo utilizados na contemporaneidade e vivenciados pelos acadêmicos de Letras e de Pedagogia. Nesse particular, entendemos que as modificações nas maneiras de ler, nas relações corporais com o livro podem ter relação com os espaços de leitura, os tipos de textos, como também com as várias mudanças ocorridas nos suportes de leitura.

### **Os modos de ler dos respondentes da pesquisa**

No estudo *Da maneira correta de ler: leituras das Belas Letras no Brasil Colonial*, Márcia Abreu (2002) realiza uma análise sobre os tratados setecentistas sobre o modo de ler as Belas Letras. A primeira questão a ser tratada versa sobre a função da leitura, isto é, para o que ela serve. A estudiosa cita o Padre Sacchini, o qual ressalta com clareza no tratado de *Moyen de live avec fruit* reeditado até fins do século XVIII os dois motivos que levam as pessoas a ler: um para formar um estilo e outro para adquirir conhecimento. Vale mencionar que a leitura por divertimento era desqualificada dos tratados, pois a que interessava era a formadora.

Outra questão apresentada por Abreu (2002) se refere à boa maneira de ler associando a leitura à produção de texto, ou seja, a incorporação de um estilo e o conhecimento de textos para a melhor produção de cada gênero. Por fim, só se poderia ser bem-sucedido na leitura se esta fosse memorizada através de anotações divididas em temáticas. O conhecimento prévio também era relevante à decifração de um texto,

uma vez que uma das principais atividades que compunham a leitura era o julgamento, baseado em questões objetivas como comparação entre uma ideia de obra bem-feita e a obra lida.

Com isso, o ato de ler possuía um objetivo totalmente instrutivo, revelando o caráter tradicional dado à leitura. Tal particularidade, certamente envolvia uma postura mais clássica, imóvel para o contato com o livro. Notamos, então, que as disposições físicas escolhidas pelos leitores podem se relacionar diretamente com as tipologias textuais lidas. Percebemos que os modos de ler em lugares públicos também fazem parte do cotidiano dos futuros professores de Letras e de Pedagogia. O gráfico a seguir apontou os seguintes resultados<sup>4</sup>:

Quadro 2 – Quanto à disposição física para a leitura, qual é/são a/s sua/s posição/ões mais frequentes para ler em espaços públicos?



Fonte: Procad/2016

Em relação às disposições físicas de leitura em espaços públicos, 15 acadêmicos mencionaram ler deitados; 59 sujeitos, recostados (entre o deitado e o sentado); 166 sentados à vontade; 206 sentados em cadeira, à mesa; 121 sentado em carteira ou poltrona de leitura; 51 de pé; 6 pessoas alegaram preferir outra postura não mencionada e 52 acadêmicos alegaram não ler em espaços públicos.

Podemos perceber que apenas 15 sujeitos mencionaram praticar a leitura deitados e 59 recostados. Talvez, esses leitores não se sintam censurados ou constrangidos em utilizar desta posição para ler em

<sup>4</sup> Os licenciandos participantes da pesquisa tinham a opção de assinalar mais de uma resposta, por isso o número dessas pode se apresentar superior ao total de sujeitos respondentes. Os acadêmicos poderiam assinalar uma ou mais respostas. Tal questão está inserida nos seguintes blocos temáticos: Perfil leitor e Espaços e Modos de ler.



ambientes públicos. Certamente, os tipos textuais escolhidos não requerem um alto nível de concentração bem como não sejam leituras de foro íntimo ou privado que seja alvo dos olhares de outras pessoas.

De acordo com Darnton (2010, p. 216), “a história da leitura terá de levar em conta as maneiras usadas pelos textos para limitar os leitores, bem como as formas de os leitores tomarem liberdades com os textos”. Em suma, podemos considerar que as leituras realizadas nessas posições físicas são caracterizadas como prazerosas, de lazer, que desperte devaneios no leitor. Assim,

ler em silêncio, para si mesmo, basta criar uma área de intimidade que separa o leitor do mundo exterior; portanto, mesmo no meio da cidade, na presença de outrem, ele pode ficar sozinho com seu livro e seus pensamentos. (CHARTIER, 1991, p. 143-144).

Márcia Abreu (2001), ao mencionar as diferentes maneiras de ler, enfatiza que o imaginário em torno do ato de ler permanece, mesmo que embora várias modificações acerca do livro e da leitura ocorreram ao longo do tempo. Conforme essa estudiosa, imaginava-se que a leitura sempre foi praticada como supomos que ela hoje se faz, isto é, em silêncio e solitariamente, de modo a favorecer a concentração e o recolhimento. Tal teórica também ressalta que, supunha-se que, em todas as épocas, ler implicava pensar sobre textos e interpretá-los, exigindo habilidades superiores à capacidade para decifrar os sinais gráficos da escrita. Acreditava-se que o contato com os livros foi sempre valorizado por favorecer o espírito crítico, tornando o leitor uma pessoa melhor por meio do contato com experiências e idéias registradas por escrito.

Abreu (2001), então, menciona que a associação de Leitura do Brasil, da qual faz parte, tem buscado questionar concepções correntes de leitura e chamar a atenção para a diversidade dos objetos e dos modos de ler. Neste sentido, foi solicitado ao fotógrafo e professor da UFPR, Ângelo José da Silva, que buscasse os leitores anônimos, pessoas comuns com que ele se deparasse pelas ruas. Com base nos registros fotográficos, Abreu enfatiza que foi possível notar que o espaço público mostrou abrigar grandes quantidades de leitores, que se recostavam em árvores de praças, deitavam-se em gramados de parques, acomodavam-se em bancos de jardins, realizavam malabarismos equilibrando-se em ônibus, apoiavam-se em colunas de metrô. Conforme Abreu (2001), essas fotografias desmistificam a concepção de uma leitura de caráter elitizado, contrariando as imagens pictóricas do passado que representam o leitor circunscrito a determinadas obras, praticando a leitura em posturas enobrecidas; a ideia de conforto não está associada à sua prática; os objetos que tomam para ler não são os da alta cultura. Eles lêem sozinhos em um ambiente que é de todos, podendo se valer de tais práticas para passar o tempo ou para descansar. Tais leitores não parecem se sentir orgulhosos de sua posição.

Armando Petrucci, ao mencionar os modos de leitura, ressalta que o novo *modus legendi* representado pelos jovens leitores, primeiramente comporta

uma disposição do corpo totalmente livre e individual; pode-se ler deitado no chão, apoiado na parede, sentado embaixo (note-se) das mesas de consulta, com os pés apoiados sobre a mesa (é esse o estereótipo mais antigo e conhecido), e assim por diante. Em segundo lugar, “os novos leitores” recusam quase totalmente ou usam de modo impróprio, isto é, não previsto, os suportes normais da operação de leitura; a mesa, o assento, o tampo da mesa. Muito raramente apoiam neles o livro aberto, mas tendem, de preferência, a usar tais suportes como apoios para o corpo, para as pernas, para os braços, numa série infinita de interpretações diferentes das situações físicas de leitura. Finalmente, o novo *modus legendi* compreende também uma relação física intensa e direta com o livro, muito mais do que nos modos tradicionais. O livro é fortemente manipulado, amassado, dobrado, forçado, carregado junto ao corpo, e dele se toma posse, através do uso intensivo, prolongado e violento, que é típico de uma relação não tanto de leitura e de aprendizagem quanto de consumo. (1999, p. 222).

Diante disso, os acadêmicos de Letras e de Pedagogia que alegaram ler deitados e recostados em espaços públicos não entendem a leitura como algo que os possa glorificar, ao contrário, a mesma se torna uma prática de acesso à informação, divertimento, lazer, relaxamento. Podemos perceber que os leitores das fotos apresentados no estudo de Márcia Abreu ilustram as posições de leitura indicadas pelos respondentes da pesquisa do Procad. Assim, percebemos que as várias modificações no que se refere à cultura escrita e, conseqüentemente, ao livro vieram a transformar a relação dos leitores com as práticas de leitura.

Dando seqüência aos resultados obtidos no estudo do Procad, notamos que grande parte dos respondentes alegou praticar a leitura em espaços públicos na posição sentado em cadeira ou à mesa bem como sentado à vontade e sentado em carteira ou poltrona de leitura. A partir disso, notamos que poucos acadêmicos utilizam dos modos que possibilitam maior liberdade no momento da leitura em espaços públicos, ou seja, a maioria restringe ou limita algumas posições seja por não se sentirem à vontade, pelos gêneros e tipos textuais que são habituados a ler, seja pelo nível de concentração que a leitura exige. Também, tais disposições físicas aparecem com tanta intensidade apenas porque estas são as práticas socialmente valorizadas, conforme ressalta Abreu (2001), que foram sendo construídas e enraizadas na nossa cultura.

Márcia Abreu (2001) menciona que, por volta dos fins do século XVIII e no decorrer o do século XIX, os livros foram parte importante na composição de retratos, indicando principalmente o poder social e a posição intelectual dos retratados, que, em geral, são homens. Havia inúmeras as obras em que senhores bem-vestidos posam diante de uma biblioteca ou estante. Sinalizando também o interesse intelectual, alguns foram vistos lendo jornais, em suas casas ou em espaços públicos.

Os registros iconográficos que datam esse período evidenciam modos ou disposições físicas de leitura que nos são familiares nos dias de hoje, evidenciando as posições que os leitores praticavam o ato de ler em espaços públicos. Ao retomarmos o trabalho de Martine Poulain (1989), notamos que as cenas de leitura não são somente as elitizadas, praticadas no interior da casa, ao contrário, imagens de pessoas anônimas vistas pelos fotógrafos mostram que o ato de ler também é realizado em ambientes públicos.

Com isso, as práticas de leitura passaram a se desenvolver na rua, nos parques, nos degraus das escadarias, nos terraços, além também de espaços públicos fechados como a biblioteca, a livraria, o local de trabalho, os cafés, os meios de transporte. Assim, “essa leitura, conseguida apesar da cidade ou por ela autorizada, acomoda-se em todos os espaços, em todas as posições ou todas as situações”. (POULAIN, 1989, p.85). O estudioso ainda enfatiza que, ao contrário das fotos no final dos anos 1980, a ênfase recai nos variados locais e circunstâncias do ler, na pluralidade dos objetos de leitura e na diversidade dos públicos leitores.

Armando Petrucci (1999), ao mencionar os modos de ler, enfatiza que a ordem tradicional da leitura consistia (e consiste) não somente num repertório único e hierarquizado dos textos legíveis e *legendi*; mas também, em determinadas liturgias de comportamento dos leitores e de uso dos livros que requerem ambientes, apropriadamente equipados, bem como mobiliário e instrumentos especiais.

Tal estudioso ainda ressalta que, na história da leitura, tem sido praxe contrapor práticas do uso do livro rígidas, profissionais e ordenadas a práticas livres, soltas e não regulamentadas. Na Europa dos séculos XIII e XIV, por exemplo, à leitura que faziam em suas carteiras ou profissionais da cultura escrita, rodeados de livros, de estantes, de várias instrumentações, contrapunham-se as livres experiências de leitura do mundo da corte e as leituras livres de coação e de regras do “povo” burguês de língua vulgar.

Petrucci (1999) também menciona que as maneiras de ler são oriundas das práticas didáticas pedagógicas modernas e encontram uma aplicação exata da escola burguesa, instituída entre os séculos XIX e XX. Tais regras eram bem direcionadas em relação às disposições físicas de leitura: ler sentado em posição ereta com os braços apoiados na mesa, com o livro diante de si, e assim por diante; ler com a máxima concentração, sem mover-se, sem fazer barulho ordenado, obedecendo ao texto em suas subdivisões; folhear o livro com cuidado, sem dobrá-lo, sem amassá-lo, maltratá-lo ou danificá-lo.

Com isso:

Em suma, a leitura feita com base nesses princípios e nesses modelos é uma atividade séria e absorvente, que exige esforço e atenção, que frequentemente é feita em comum, sempre em silêncio, segundo rígidas regras comportamentais; as outras maneiras de ler, em que o leitor está só, em qualquer lugar da casa, em total liberdade, são naturalmente conhecidas e também admitidas, mas como secundárias, e são toleradas a custo e sentidas como potencialmente subversivas, porque expressam atitudes de pouco respeito para com os textos que fazem parte do cânone, e que são portanto naturalmente venerados. (PETRUCCI, 1999, p. 221).

Então, a leitura enquanto praticada confortavelmente na poltrona ou à mesa indica uma postura enobrecida, elitizada. Petrucci (1999) ressalta que uma pesquisa realizada por Piero Innocenti sobre uma amostragem casual de leitores italianos de cultura média alta, apontou a prática de hábitos tradicionais de leitura. Entre os oitenta entrevistados, são raros os casos em que há preferência para leitura ao ar livre; sobre as maneiras de ler, doze indicam que preferem ler à mesa ou à escrivaninha e, apenas, quatro lembram

da biblioteca. Em relação ao lugar, o quarto é o espaço mais mencionado, sendo disposta na cama ou na poltrona a posição preferida. Logo,

a convencionalidade e o tradicionalismo dos hábitos de leitura dos entrevistados dessa pesquisa derivam seja de seu elevado grau de cultura, seja de sua categoria social e idade, seja do fato de tratar-se de europeus aculturados. (PETRUCCI, 1999, p. 221).

Em contraposição, uma jovem com menos de 20 anos afirmou hábitos diferentes, como por exemplo, deitar-se no chão sobre um tapete, indo em caminho contrário às práticas tradicionais.

Diante disso, se compararmos esse estudo com os resultados obtidos no estudo do Procad é possível notar que as disposições físicas de leitura dos acadêmicos de Letras e de Pedagogia que alegaram ler à mesa, na poltrona, sentado confortavelmente retomam as práticas próprias dos séculos XIX e XX. Certamente, seja por ser a mais tradicional e conhecida, seja pelos tipos de textos de sua preferência: canônicos, teóricos etc.

Os poucos acadêmicos de Letras e de Pedagogia que mencionaram desfrutar de posições mais livres em espaços públicos, como praticadas pela jovem da pesquisa italiana, nos dão a inferir que os textos preferidos não sejam tão convencionais, ou seja, pode haver uma escolha por leituras que permitem devaneios, diversão, entretenimento etc. Em suma, a leitura em espaços públicos também “vem a reforçar o extremo isolamento do mundo requerido por qualquer leitura e reivindicando por qualquer leitor, mesmo quando pratica seu ler à vista de todos”. (POULAIN, 1989, p. 92).

Vale salientar que o ato de ler publicamente ao longo dos anos esteve ligado à disciplina, socialização e supervisão. Logo, determinadas disposições físicas de leituras que evidenciavam uma maior liberdade com o texto não eram comuns. Geralmente, a explicação de textos como a Bíblia em bibliotecas, igrejas ocorria em voz alta, regida por um leitor, geralmente o pai, a mãe ou o clérigo e as posições de leitura dos receptores era imóvel, estática, na maioria das vezes, sentados com os livros entre as mãos ou colocados à mesa. Assim, as disposições físicas vivenciadas por estes leitores eram imóveis sendo consideradas respeitadas diante da aquisição do conhecimento propiciada pelo livro. E, assim, continuam sendo as posições de ler na contemporaneidade em espaços como igrejas, bibliotecas, salas de aula etc.

Conforme Chartier (2001), essas modificações que ocorreram ao longo do tempo nas maneiras de ler ultrapassam a esfera psicológica e atingem o campo gestual, corporal e comportamental. Os diversos modos de leitura podem estar relacionados com os vários tipos de textos que vieram a orientar práticas e comportamentos sociais, corporais expressos em gestos por parte dos receptores. O historiador do livro, então, menciona o exemplo da Bíblia, que imprime nos seus leitores valores e regras que são evidenciados no corpo, postura e vestimentas. Por outro lado, ao atribuir sentido ao texto, o indivíduo o constitui, transformando-o em algo novo e diferenciado, através das múltiplas leituras por ele realizadas.

No que diz respeito aos acadêmicos de Letras e de Pedagogia que alegaram ler em pé, podemos interpretar que eles praticam essa posição leitora em transportes públicos como ônibus urbanos, metrô e trens, em ambientes religiosos conforme verificado na questão 53. Notamos que, embora inseridos no lugar público, tais sujeitos, de certa forma, procuram evadir-se dele para praticarem a leitura, por preferirem ocupar o tempo com tal prática, ou por ser o único momento com tempo livre para ler.

Chartier (1998) assevera que a leitura silenciosa realizada em espaço público como a biblioteca, o metrô, o trem, o avião é uma leitura ambígua e mista. A mesma é praticada em um espaço coletivo, mas ela é, ao mesmo tempo, privada, como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro um círculo invisível que o isola, mas que também é penetrável, uma vez que pode haver uma troca sobre aquilo que é lido, devido à proximidade e convívio. Logo, “o texto de maneira silenciosa, vai liberar algo que o leitor tem dentro de si. E às vezes o leitor encontra ali a energia, a força para sair de um contexto em que estava preso, para se diferenciar, para se libertar dos estereótipos aos quais estava preso”. (PETIT, 2013, p. 46).

Um resultado que nos chama atenção é que 52 acadêmicos alegaram não ler em espaços públicos. Talvez, porque não se sintam confortáveis, não tenham oportunidade, acesso a textos, ou simplesmente porque não possuem o hábito ou gosto pela leitura. Isto é bastante preocupante, uma vez que, possivelmente, no ambiente escolar, acadêmico ou profissional desses sujeitos, a leitura pode ser uma prática não valorizada.

As questões apresentadas no decorrer desta seção e os resultados obtidos através do questionário aplicado nos possibilitaram conhecer os espaços públicos de leitura e os modos de ler no que se referem às disposições físicas de ler em locais públicos mencionadas pelos acadêmicos ingressantes nos cursos de Letras e de Pedagogia das instituições que integraram o projeto do Procad.

## Considerações finais

Neste trabalho, nosso objetivo foi descrever e analisar os espaços públicos de leitura e os modos de ler dos estudantes universitários iniciantes nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia dessas universidades. Tal estudo foi originado a partir do Procad – Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional do qual foram integrantes as seguintes instituições de ensino superior: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UPF) e Universidade de Passo Fundo (UPF).

Atendido o objetivo, podemos alegar que os resultados da pesquisa permitiram conhecer os espaços e os modos de ler dos ingressantes dos cursos superiores de Letras e de Pedagogia. A partir disso, perceber a importância do desenvolvimento de práticas de leitura durante a formação inicial de professores, tendo em vista que tal atividade se faz parte fundamental nas ações do profissional docente.

Diante dos resultados apresentados sobre os espaços públicos de leitura mencionados pelos respondentes da pesquisa do Procad, notamos que tal prática se expandiu para vários ambientes da sociedade, ou seja, não é somente mais uma ação desenvolvida em bibliotecas, salões e gabinetes. Isto é, ler deixa, em partes, de ser uma atividade elitizada e se torna um exercício corriqueiro. Notamos, então, que a leitura pode estar presente em todos os ambientes que as pessoas circulam, nos diversos setores da sociedade.

No que se refere às disposições físicas de leitura em espaços públicos, notamos que a tradição de uma maneira elitizada de ler perdura até a contemporaneidade e é praticada pela maioria dos universitários de Letras e de Pedagogia. Os modos de ler que permitem certas liberdades em relação ao ato de ler em ambientes públicos também são executados pelos respondentes da pesquisa em ambientes públicos, mas em menor proporção do que as posições clássicas. Percebemos que perduram as maneiras de ler em tais lugares são aquelas legitimadas pelo Antigo Regime. As diferentes posições, então, podem ser adotadas conforme o ambiente, o texto lido ou os objetivos estipulados para essas leituras.

Sendo assim, os docentes dos cursos superiores de Letras e de Pedagogia precisam investigar os tipos de textos lidos em tais ambientes para ampliar o repertório de leitura dos estudantes, respondentes da pesquisa, uma vez que nem sempre os gêneros e tipos textuais são da preferência de todos.

A leitura de um romance, conto de ficção realizada num parque, numa praça, pode ser executada através de disposições físicas mais libertinas do que a leitura de um texto científico que exige maneiras que permitem maior concentração no momento da leitura. Com isso, a realização de dinâmicas diferenciadas na sala de aula, na biblioteca e até mesmo nas dependências externas das instituições tende a evidenciar que novos espaços e posições devem ser experienciados pelos acadêmicos durante a trajetória inicial de formação nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia.

O hábito da leitura, então, pode ser um indicador de transformação na vida das pessoas, pois expande o conhecimento e vivência de mundo dos receptores. Com isso, viabilizar o contato com o livro e a leitura tende a auxiliar esses estudantes numa possível ascensão pessoal, profissional e social.

Desta forma, conhecer os espaços e os modos de ler dos acadêmicos de Letras e de Pedagogia pode ser um indicador para que os docentes das instituições de ensino superior desenvolvam diferentes práticas de leitura com os estudantes de Letras e de Pedagogia e, a partir disso, estabelecer mudanças significativas no que se refere à constituição de sujeitos leitores. No nosso entendimento, os cursos superiores de Letras e de Pedagogia são as principais fontes de construção de novos profissionais capazes de disseminar a leitura.

Logo, a leitura na formação inicial do professor é um dos pontos primordiais para o fortalecimento da constituição de universitários leitores que, como profissionais, poderão se tornar mediadores de leitura na escola e contribuir para a formação leitora de sujeitos durante a trajetória destes na Educação Básica.

Enfatizamos, assim, a importância vital da leitura nos processos formativos que acontecem sociedade, na escola e na universidade.

## Referências

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2001, Campo Grande. *Mesa-redonda Práticas de Leituras: histórias e modalidades*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 25. Fev. 2018.

ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das Belas Letras no Brasil Colonial. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002. p. 213-233.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 15. Jun. 2016.

CARVALHO, Marlene. A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior. *Teias: Revista da Faculdade de Educação da Uerj*, n. 5, jun.2002, p. 7-20.

CHARTIER, Roger. As práticas de escrita. In: ÀRIES, Philippe; CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 113-161.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história*. Trad. E. Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

DARNTON, Robert. *História da Leitura*. Trad. Magda Lopes. 3 ed. In: Peter Burke. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GATTI, Bernardete Angelina. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 106-116.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da leitura*. Trad. Mauro Gama. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

INEP. *Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros*. Brasília: 2016.

LAROSSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. México: FCE, 2003.

PÉREZ-BUENDÍA, Rubén. *Roteiros de leitura na escola: da biblioteca escolar à sala de aula*. Ilustrações Bruno Palma e Silva. Curitiba: Hum Publicações, 2016.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.



PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

\_\_\_\_\_. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental 2*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 203-227.

POULAIN, Martine. Cenas de leitura na pintura, na fotografia, no cartaz, de 1881 a 1989. In: FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine (Org.). *Representações e imagens de leitura*. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SEGABINAZI, Daniela Maria. Educação literária e docência: desafios para o século XXI. João Pessoa: Editora da UFPBE, 2015.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O professor leitor. In: SANTOS, Fabiano dos.; NETO, José Castilho Marques.; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. 1. ed. São Paulo: Global, 2009. p. 23-36.